

SELVA TRÁGICA: imposições e resistências

Fábio Luiz de Arruda Herrig
Graduando em História – UEMS

RESUMO: O presente artigo faz uma análise dos pontos históricos da obra *Selva Trágica: a gesta no sulestematogrossense*, de Hernani Donato. Esta historicidade buscada na literatura se refere às imposições feitas à cultura dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira e, respectivamente, as formas de resistências criadas por estes para manter os elementos constitutivos de sua cultura. De forma geral, portanto, o trabalho se debruça, em termos de tempo, sobre o período que corresponde ao início do século XX e em termos de espaço, ao cone sul do atual estado de Mato Grosso do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: Selva Trágica, imposições, resistências.

ABSTRACT: This article is an analysis of the historical work *Tragic Jungle: sulestematogrossense* in the management of Hernani Donato. This historicity sought in the literature relates the charges made to the culture of the employees of the Company and Matte Larangeira, respectively, the forms of resistance created by these to keep the elements of their culture. Overall, therefore, the work addresses, in terms of time, over the period that corresponds to the early twentieth century and in terms of space, the southern cone of the current state of Mato Grosso do Sul.

KEY-WORDS: Tragic Jungle, levies, resistances.

Este trabalho se debruça sobre as relações entre Companhia Matte Larangeira e seus trabalhadores, observando como reagiram frente às imposições da empresa. Para tanto se utilizará o romance *Selva Trágica: a gesta¹ ervateira no sulestematogrossense* para

¹ No texto *Dicionário da Idade Média* de Loyn O conceito de canção de gesta é apresenta do como “nome genérico para os 80 a 100 poemas épicos medievais em francês arcaico, usualmente anônimos, que constituem a maior parte das lendas em torno de Carlos Magno” (LOYN, 1991: 68). Porém, no texto de Jacques Le Goff, *A civilização do ocidente medieval*, a palavra gesta é atrelada à de *gestus*, relacionando-se ao gesto. É possível notar que esses poemas épicos são representações de modelos ideais, por exemplo, a questão da força: “os jovens heróis das canções de gesta têm a pele branca e os cabelos louros e ondulados. São atletas. [...] toda a vida do cavaleiro é a exaltação física” (LE GOFF, 2005: 356). Quando Donato utiliza o termo a sua intenção é a de apresentar a épica, a história dos ervais, porém o herói que se encontra na história não é um herói individual,

realização das análises, buscando os pontos históricos no enredo do romance. Essa obra foi publicada pela primeira vez no ano de 1959 pela editora Autores Reunidos. Quando da primeira edição deste, já haviam dois romances que carregavam o nome do escritor paulista Hernani Donato, *Filhos do destino: história da imigração e do café no estado de São Paulo* (1951) e *Chão bruto* (1956), além de seu primeiro livro, *O livro das tradições* (1945)².

Antes de abordar a obra é importante situá-la em termos da literatura nacional, ou seja, explicitar em que vertente literária ela está inserida, quais são as características que permeiam seu desenvolvimento. Dair Méris da S. Ferreira em sua dissertação de mestrado, “*Selva trágica e a degradação do herói coletivo: o romance sob tensão*”³, diz:

A obra romanesca do escritor Hernani Donato compreende alguns romances que traçam a trajetória do homem brasileiro circunscrito a um espaço que faz dele um ser colocado à paisagem social e submetido a leis que anulam seu sonho e sua capacidade de libertação e o impedem de se realizar em sua plenitude humana. (FERREIRA, 1997: 1).

Dentro dessa perspectiva pode-se inserir o romance *Selva Trágica* no mesmo contexto que Hilda Gomes Dutra Magalhães apresenta em seu livro, *Literatura e poder em Mato Grosso*, como sendo da segunda metade do século XX, uma literatura caracterizada pela denúncia social. Mesmo que na historiografia literária exposta por Magalhães não apresente *Selva trágica* na estante de sua obra, pode-se colocá-la em anexo, já que contém as características que ela apresenta como sendo típicas das obras desse período, ou seja, a exploração do homem pelo homem em prol de um desmesurado aumento de capital.

Nessa mesma perspectiva é possível expor a obra *Selva Trágica* como integrante da vertente Neo-realista, onde se observa a presença de um herói coletivo e de um posicionamento ideológico⁴. Ferreira caracteriza esse Neo-realismo:

um Rolando, mas sim coletivo, como será explicado mais adiante. É possível notar também a questão da força no erval, há um culto à ela, que será trabalhado no artigo. Para maiores esclarecimentos ver: LE GOFF, J. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006, p. 196 a 198.

² Sobre o assunto ver: SANTOS, P. S. N. *Fronteiras do local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008, p. 97.

³ Essa dissertação de mestrado foi enviada ao autor deste trabalho pela própria autora no dia 08 de maio de 2008.

⁴ Herói coletivo é entendido como a sobreposição do grupo ao indivíduo. No caso do romance *Selva Trágica* o coletivo é visto como opressores (Companhia Matte Larangeira), oprimidos (trabalhadores da Matte) e paralelamente os exploradores de erva clandestinos (os changa-ys). Já no que tange ao posicionamento ideológico implícito pode-se dizer que se relaciona à visão de mundo do autor. No caso de Donato ele sofre influência de autores que têm como ideologia o marxismo, o socialismo e o Neo-realismo. Ambos os conceitos foram dados a partir da dissertação de FERREIRA, D. M. S. *Selva Trágica e a degradação do Herói coletivo: o romance sob tensão*. Defendida em 1997 na UNESP, Câmpus de Assis.

[...] principalmente pela existência da narrativa do herói coletivo, ou da problemática social pelo posicionamento ideológico implícito na criação literária à luz do marxismo e do materialismo histórico, na busca de uma literatura que contribua para o processo de transformação da sociedade. (FERREIRA, 1997: s/n).

Para um trabalho como esse há que se deixar claro o que embasa uma análise histórica de uma obra literária. Para tanto, expõe-se num primeiro momento o fato de *Selva Trágica* integrar um rol de obras que se caracterizam pela tentativa de “*representar a realidade em movimento, num processo dinâmico da comunicação artística, mesclando real e ficcional*” (FERREIRA, 1997: s/n), ou seja, a vertente Neo-realista.

Para compreender a inter-relação entre história e literatura dois textos são importantes: O primeiro é de Heloisa Jochims Reichel em seu ensaio: “Relatos de viagens como fonte histórica para estudo de conflitos étnicos na região platina (séc. XIX)”, que faz com que os grilhões que mantinham história e literatura separados comecem a se romper. Segundo ela:

Os progressos alcançados em relação a como se desenvolve o processo cognitivo, levou as ciências humanas a reconhecerem que o conhecimento do real concreto se faz através de imagens mentais, produzidas através do intelecto ou dos sentidos. Estas se constituem em representações do real e, quando acionadas para a compreensão da realidade objetiva, passam a integrar a própria realidade. (REICHEL, 1999: 58).

Em um segundo momento, é Lloyd S. Kremer em seu texto “Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio de Hayden White e Dominick LaCapra” que vai integrar a base para a análise. Ambos os autores apresentados no título desse texto estão debruçados sobre as questões que tangem as proximidades entre história e literatura. Nesse contexto Hayden White afirma:

Com efeito a história [...] adquire sentido do mesmo modo que o poeta ou o romancista tenta conferir-lhe sentido, isto é, atribuindo ao que originalmente parece problemático e misterioso o aspecto de uma forma reconhecível, por ser familiar. (WHITE apud KREMER, 2001: 136).

Seguindo essa perspectiva de White, Kremer afirma que a diferença entre historiadores e os ficcionistas se encontra no fato de que os primeiros não reconhecem como legítima a afirmação de que o imaginário faz parte de suas construções: “*Ao contrário dos ficcionistas [...] os historiadores em geral optam por não ver o elemento imaginário de*

suas obras; em vez disso preferem acreditar que transcenderam a ficção ao estabelecerem rigorosas diretrizes para a disciplina da história” (KREMER, 2001: 136). Diante da perspectiva de ambos os autores é possível afirmar que a partir do momento que a literatura representa uma determinada realidade é, concomitantemente, integrante dessa mesma realidade.

É importante observar, antes de adentrar o “*mundo do mate*”, que o próprio título da obra sugere o seu enredo, que será duro e trágico. Segundo Jerri Roberto Marin, em um texto intitulado “Limiars entre história e literatura em Selva Trágica, de Hernani Donato”, publicado em 2001:

O léxico selva e o qualificativo trágico significam, respectivamente, lugar onde se lute duramente pela sobrevivência e acontecimento funesto, sinistro que desperta lástima ou horror. Seria um outro locus, ermo, onde ser humano é posto à prova. Em suma, a área controlada, sob o regime de monopólio, pela Mate Laranjeira era representado como uma selva trágica, brutal, infernal, um pesadelo no qual todos viviam e do qual todos desejavam libertar-se. (MARIN, 2001: 170).

Saindo do título e detendo-se na epígrafe da obra de Donato fica clara a estratificação que será encontrada no texto, onde se observa em primeiro plano a erva, em segundo a terra, o tempo e o sonho e, em terceiro, os “*humanos*”, como o autor chama os integrantes deste mundo. É notável que o narrador, pretende-se neutro, como poder ser observado na citação: “*Nem ataque nem defesa do acontecido nas regiões ervateiras [...]*” (DONATO, 1959: 7).

Selva Trágica é “*relato da vida e do trabalho sob o ângulo dos que a suportaram mais rudemente: mineiros, changa-ys, marginais, pequenos funcionários*”⁵ (DONATO, 1959: 7). Nesse relato fica evidente a pretensão de aproximá-lo o máximo possível da verdade. Primeiramente quando é citado São Bernardo: “*mais vale escandalizar do que sonegar a verdade*” (DONATO, 1959: 7). Vale salientar, também, que esse trecho revela o cunho denunciativo da obra, que prefere o escândalo à mentira. *Selva Trágica* se levanta como um grito clamoroso à liberdade, afastada para sertões distantes pelo regime subjogador da Companhia Matte Larangeira.

⁵ Os mineiros eram os trabalhadores responsáveis pelo corte, sapeco e transporte da erva; changa-ys eram os que roubavam erva da Companhia Matte Larangeira; marginais, eram os que estavam à margem de toda essa situação, como mulheres e crianças. Para ver mais sobre a divisão do trabalho: BIANCHINI, O. C. D. *A Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso: 1880 – 1949*. Campo Grande: UFMS, 2000. p. 183 a 189. Outro trabalho que explora essa divisão é: ARRUDA, G. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: UEL, 1997. P 61 a 94.

Em um segundo momento, percebe-se que o narrador entende a obra como uma realidade concreta e objetiva quando atribui a ela o caráter de relato. Analisando o termo constata-se que ele vem do latim, *relātus*, da qual é possível apresentar duas definições, a primeira diz: “1. Levado para trás; trazido para trás. Reconduzido. 2. Trazido de novo. 3. Repercutido (fal. Do som). 4. Transcrito; transladado. 5. Prestado, apresentado (fal. De contas). 6. Referido; narrado; citado”. Posterior à essa a segunda definição: “1. Ação de relatar (uma questão ou proposta). 2. Relato; narração; relação; exposição; discurso. 3. Ação de contar versos”⁶.

Atentando-se para essas definições nota-se que o termo relato está ligado a algo concreto, portanto, existente. Atrelando esse conceito com a idéia de que a verdade está acima do escândalo, comprova-se a pretensão do narrador enquanto um relator da verdade, ou de algo que, ao menos, esteja muito próximo dela. Jerri Roberto Marin diz que:

Donato recria e reinventa a história dos ervais no fazer poético a partir do que viu, ouviu e registrou [...]. Na construção do literário, a estética realista soma-se a uma série de mecanismos discursivos com o fim de *conferir verossimilhança ao enredo e a obra*. (grifo nosso) (MARIN, 2001: 172).

O que surge dessa exposição inicial, e se torna imprescindível ao presente trabalho, refere-se a contextualização desse estudo. Não é possível falar de *Selva Trágica* sem situá-la no tempo e espaço. Diante desse processo Marin diz que:

O conteúdo do romance é datado, passa-se desde o início do século XX até a década de 1930, quando Getúlio Vargas teria extirpado o monopólio da empresa Mate Laranjeira e nacionalizado a fronteira oeste. Esse contexto histórico regional e nacional condiciona a trama, conferindo historicidade às ações e tensões entre as personagens, grupos e classes. (MARIN, 2001: 172).

É nessa historicidade que o presente trabalho se debruça, analisando como se deram as formas de resistência dos trabalhadores diante das imposições da empresa, desvendando, mesmo que parcialmente, os limiares entre a história e a ficção da obra, que segundo Marin, estão intencionalmente entrelaçadas.

O enredo está dividido em sete capítulos. No primeiro, Donato desenha a planta baixa do “*mundo do mate*” expondo a hierarquia que impera nas terras comandadas pela Companhia Matte Larangeira. A primeira cena do livro mostra a vilania deste poder, que

⁶ As duas definições foram retiradas de: TORRINHA, F. *Dicionário Latino Português*. Porto:Gráficos Reunidos, 1994, p.739.

manda homens à monteada⁷ para poder abusar de suas mulheres. Pablito é o desafortunado da vez e sofre com a angústia de ter sua mulher atacada por outros homens. No trecho abaixo nota-se a situação:

Diga, caraí, é de propósito que mandam os homens montar, não é? Só pra ficarem lá embaixo com as mulheres dêles? [...] O Bopi sabia dessas coisas o que bastava. Ele mesmo, nos começos da loucura do mate, mandara donos de cunhas [mulheres] bonitas montar nos longes e fora fincar pé diante do rancho, mal o escuro aumentava as distâncias e a solidão da mulher. (DONATO, 1959: 16).

Na citação é possível notar duas situações. Uma individual, que corresponde à personagem Pablito, ou seja, ao seu infortúnio pessoal, e outra geral, que corresponde a Bopi, que sabia que aquilo não era condição imposta apenas ao Pablito, mas um mal diante do qual todo homem subordinado no erval estava passível de sofrer.

O complicador maior da monteada é que ela não gerava angústia apenas nos que a faziam, mas também nos que ficavam na ranchada⁸. Flora é a amada por quem Pablito sofre. A dor dela é concomitante e proporcional a dele, o diferencial, porém, é que Flora corre o risco de senti-la materializada em um ataque dos chefes ou de seus companheiros.

Fica nítido no texto que o papel da mulher no erval é o de satisfazer os homens. No caso dos chefes ela é apenas diversão. Já no caso dos trabalhadores a mulher é utilizada como instrumento de controle, sua função é de amansar os homens, de acalmar os ânimos. No primeiro caso pode-se apresentar o artifício utilizado pelos chefes para abusar das mulheres alheias, e satisfazer seus desejos de homem, como é o caso da monteada.

Porém, essa não é a única forma de abusar das mulheres. Em uma das passagens de *Selva Trágica*, o Curê, administrador do rancho, manda um dos mineiros, Morocho, fazer um reconhecimento do novo erval para poder abusar da mulher dele. Esse reconhecimento é apenas uma forma de manter longe o homem enquanto o Curê abusa de sua mulher, como demonstra a passagem a seguir: “— *Pois mande o tal Morocho fazer o contôrno do erval. Cuide que êle fique empenhado nisso umas quantas horas. E diga à mulher dele que tenho umas coisas pra lhe a contar.*” (DONATO, 1959: 204).

⁷ Monteada era o trabalho de procura de ervais desconhecidos. Sobre o assunto ver: BIANCHINI, O. C. D. *A Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso: 1880 – 1949*. Campo Grande: UFMS, 2000, p. 187. Para um maior aprofundamento ver também: ARRUDA, G. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: UEL, 1997, p. 61-2.

⁸ A ranchada era onde moravam os trabalhadores, as casas, ou “ranchitos”. Rancho era a “[...] a unidade básica da estruturada Matte. No rancho ocorria a elaboração da erva mate, desde a localização dentro da mata até seu ensacamento”. (ARRUDA, 1997: 64-5)

No segundo caso a mulher é entregue como divertimento aos homens subordinados, como são os mineiros, cancheadores, balanceadores e ataqueadores. Nesses artifícios os mandantes do rancho organizavam um *jeroki*, ou seja, um baile no qual o sexo era o meio utilizado para acalmar o ânimo dos peões: “[...] *era chegado o tempo de dar um baile, pois o mau humor dos homens ia de subida. Já precisavam de usar pulso e isso era ruim e muito*” (DONATO, 1959: 33). A ordem do administrador do rancho, demonstra bem a situação para qual o baile serve:

[...] — pois então montamos um baile. Façam correr a notícia que é pra esquentar os homens. Eles se distraem e não mordem o freio esta semana. Falem na canha, na carne, na música. Você, Casimiro, veja quantas mulheres arranjamos por aqui... (DONATO, 1959: 33).

Outro trecho mostra o que é o baile:

[...] o baile é feito como oportunidade forçada para elas [as mulheres] desafogarem os ardores reprimidos dos homens do erval. Durante a noite do baile, os mineiros usavam das mulheres como durante o dia serviam-se dos instrumentos de trabalho. Ai da mulher que não comparecesse, saudável, doente, velha, feia, ou grávida. Durante as horas do baile deixavam de funcionar todos os códigos de honra e de costumes de que se servem os homens e as mulheres (DONATO, 1959: 35).

É notório que a mulher seja usada como estratégia de controle pelos dirigentes dos ranchos, tanto no que tange a acalmar os ânimos, como dito acima, quanto no que se relaciona a um maior endividamento do peão, o que o deixa preso ao trabalho e não permite que ele saia sem que termine de pagar a dívida. Porém, também se faz importante a diferenciação entre as mulheres que eram usadas para os bailes, que podem ser divididas em duas: as que eram de família, esposas e filhas, e as prostitutas, as chamadas quilomberas.

No primeiro caso as mulheres eram separadas dentro da própria ranchada como demonstra o diálogo abaixo no qual o administrador da ranchada indaga sobre a quantidade de mulheres que podem arranjar, inclusive promovendo meninas à mulheres, para obter um maior número feminino no baile: “[Isaque] — [...] *Dos quinze mineiros, três são casados e trouxeram mulher. O atacador tem duas filhas mas são quase meninas... [Curê] Meninas? E quê?! Ficam promovidas a mulheres para o baile! — rugiu, alegre, o Curê.*” (DONATO, 1959: 33).

As quilomberas também faziam parte do *jeroki*, porém, a diferença destas para as de família é que elas recebiam pelo trabalho, além do fato de que esse valor pago à elas era anotado e descontado dos trabalhadores, endividando-os mais. A citação abaixo representa bem a afirmação: “— Ué?! Quilomberas são mulheres, não são? Até que num baile as públicas são de maior valia. Antes da festa, leve as tais ao armazém. Deixe que se cubram de enfeites e de cheiros. Mas tome nota do gasto por vias do desconto.” (DONATO, 1959: 34).

As anotações que eram feitas dos gastos das quilomberas e descontadas dos trabalhadores também se ramificavam em outros elementos, como comida e roupas. O problema dessas anotações é que, além de serem manipuláveis, serviam como meio de controle. A estratégia era fazer com que os trabalhadores se envidassem o máximo, dessa forma eles ficavam obrigados à trabalhar para pagar uma dívida que nunca acabaria, pois era manipulável quando próxima do fim.

Em *Selva Trágica* o caso que representa muito bem a manipulação das dívidas é o de Pytã. Ele é irmão do protagonista da obra, Pablito, e sua ambição é pagar a dívida com Companhia Matte e sair de cabeça erguida para seguir sua vida fora do mundo do mate. A distorção dos planos de Pytã começa quando Flora, companheira de seu irmão, busca proteção junto a ele para se proteger das investidas de Isaque, um dos três comitaveiros da ranchada, que era apaixonado por Flora e desejava-a como companheira.

Num primeiro momento, Pytã resiste a servir de escudo à sua cunhada, até mesmo por que a visão que ele tem da mulher não admite que em um erval ela tenha honra, ou moral, pois muitos homens já abusaram dela, mesmo que isso não seja por vontade dela. Mas Pytã acaba cedendo aos apelos de Flora e permite sua presença em seu rancho, dando a ela sua proteção e sua comida. O problema é que isso dá motivo para os superiores se indisporem com ele, pois Flora é alvo de cobiça e de amores, e tendo mais uma boca a alimentar sua dívida com a companhia também aumenta, ou melhor, é aumentada intencionalmente pelo administrador do rancho, como pode ser notado na citação:

— Aha! Está pensando nas suas dívidas? Esqueça delas. Mande ver suas contas. Mesmo que o resto do erval fosse reservado como tarefa sua, você não poderia pagar tudo desta vez. Gastou demais, comeu muito e apresentou pouco. Não teve aquela mulher no rancho durante um tempo?! Custa muito sustentar mulher, não sabia?! Mas não vai lhe acontecer nada. Você é um bom macheteiro e a Companhia dá valor aos que trabalham bem. Vai com o resto do pessoal para o erval novo e lá há com que pagar as dívidas pois o lugar é bom e rico. (DONATO, 1959: 172).

Outro fato é que Pytã é irmão de Plablito, que foge e o compromete. Mesmo que o administrador saiba que ele não tem nada a ver com a fuga, a sua liberdade está comprometida. Como no trecho abaixo: “— *para alguma coisa serviu a malfazença do Plablito. Seguramos legalmente mais um mineiro. Éle pode escapar mas o irmão nos paga.*” (DONATO, 1959: 172). Desse modo Pytã é levado à nova ranchada para trabalhar, porém, sua resistência lateja em suas veias fazendo com que se enveredasse pelos perigos e incertezas da fuga.

A dívida, comentada acima, o trabalhador já adquiria antes de entrar no erval. Dentro da perspectiva de Donato, essa era outra das estratégias da Companhia Matte para conseguir mão-de-obra e mantê-la nos ervais, ela consistia em fazer com que homens comuns se endividassem em bordéis de forma que não pudessem pagar. Tudo já havia sido combinado com o dono do cabaré, que além de fornecer as mulheres, a bebida e a comida, também buscava os homens que participariam da festa. O trecho abaixo demonstra como era feito o conchavo ⁹:

— Recebi o recado. Os aconchavadores estão do outro lado da fronteira desde o domingo. De quantos homens precisa? [...] — Dez. se tiverem doze bons, levo os doze. Acha difícil? [...] — Nem tanto pelos homens. O que não tenho é mulheres para empurrar os doze no mundéu. Bebida, fumo e música forneço pra um exército. Mas mulheres... [...] O Isaque não era novato. Sabia como funcionava aquela coisa. Sem mulheres era duro derrubar os recrutas. Os homens não se entregavam tão depressa que pudesse levá-los ao romper o dia. [...] — faço questão fechada de dez ou doze homens de primeiro corte. E comece logo a festa que não tenho vontade de alongar a noite. Um banho, você me arruma? [...] Enquanto ele se banhava, o patrão corria a buscar mulheres, mandar que se enfeitassem, perfumassem, cuidassem do sorriso, da voz, das mãos. E que, feito o que fizessem, ao amanhecer entregassem os rapazes inconscientes. (DONATO, 1959: 176-7).

Além das mulheres e das bebidas, o conchavo era permeado por muitas histórias empolgantes sobre quem trabalhava na extração da erva mate: “— *Disseram que ia ser um vidaço regalado. O florão do que o mundo tem de bom! No dizer deles, um desbragamento de canha, de mulheres e de dinheiro. E um quase nada de trabalho que para o trabalho é que aconchavam a gente.*” (DONATO, 1959: 135). Porém, isso era só na hora do conchavo, depois de tirada a forra a situação mudava:

⁹ Há duas formas de escrita, “conchavo” e “aconchavo”, porém se utilizará o primeiro, como no texto de ARRUDA, G. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: UEL, 1997, p.102.

[...] me enfiaram na mão um adiantamento e logo obrigaram a comprar coisa e coisa. Num isto acabou o tal adiantamento. Mal e mal pisei o chão do rancho, tiraram a rizada e penduraram brabeza na cara. Recolheram tudo que obrigaram a gente a comprar, faca e revólver, roupa e dinheiro. E foi só trabalho e trabalho, e cobra, e calor, e suor, e medo! (DONATO, 1959: 135).

Otávio Gonçalves Gomes, Bianchini e Arruda partilham da mesma concepção de conchavo apresentada por Donato¹⁰. A diferença é que Bianchini afirma que esse processo de contratação não era um artifício efetuado pelo rancho, ou seja, algo tramado pelos administradores, mais sim controlado de forma rígida pelos cabeças da Companhia Matte Larangeira: *“você sabe amigo Mendes que conto com todas as facilidades vantajosas para fazer estes trabalhos, sem necessidade de recorrer a empregadinhos que nem todas às vezes se manejam com escrúpulos e honradez necessários [...]”* (GILON apud BIANCHINI, 2000: 173).

Outra questão que a autora deixa transparecer é que o conchavo não era feito em 1925 da forma como demonstrada em *Selva Trágica*. O objetivo não era mais o de conchavar qualquer um que se pudesse, mais sim trabalhadores de confiança: *“indivíduos completamente selecionados e práticos nos trabalhos ervateiros e cujos antecedentes com a Empresa inspiram confiança”* (GILON apud BIANCHINI, 2000: 172-3). Mais à frente a carta demonstra que a utilização dos bailes para endividar os peões foi deixada de lado:

[...] pelos arredores daquela jurisdição haviam muitas pessoas que se podiam conchavar, sem perigo de causar prejuízos, já que tudo depende da forma e procedimento que deve empregar-se com eles, renunciando naturalmente às práticas inescrupulosas empregadas anteriormente (GILON apud BIANCHINI, 2000: 173).

Com relação ao conchavo, Gilmar Arruda apresenta informações que atestam a questão de que o “antecipo”, adiantamento feito em dinheiro aos peões, não era uma artimanha da empresa e sim uma exigência dos trabalhadores: *“nenhum mensu¹¹ era capaz de trabalhar sem receber por adiantamento dois ou três meses de salários. Era costume regional e sem o antecipo o mensu não viajava”* (WACHOCWIZ apud ARRUDA, 1997: 103).

¹⁰ Sobre o assunto ver: GOMES, O. G. Dom Thomaz. In. Instituto Euvaldo Lodi. *Ciclo da erva mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: IEL, FIEMS, 1986, p. 399-0; BIANCHINI, O. C. D. *A Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso: 1880 – 1949*. Campo Grande: UFMS, 2000, p. 172 a 175; ARRUDA, G. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: UEL, 1997, p. 102 a 104.

¹¹ Mensu era o trabalhador que recebia por mês, o mensualeiro, porém também era um termo designado ao mineiro, o cortador de erva. Segundo Gilmar Arruda a “denominação do trabalhador contratado para os ervais, servia também para designar aquele trabalhador que recebia um salário mensal fixo.” (ARRUDA, 1997: 103).

Há, porém, a ressalva de que essa era uma regra geral, mas que poderiam ter ocorrido distorções.

Hélio Serejo fala que o trabalhador procurava os aconchavadores: “[...] os *chegantes* [os trabalhadores] eram logo contratados. Recebiam o *adelanto de praxe* [adiantamento em dinheiro] e *seguiam para os ervais*” (SEREJO, 1986: 38). Diante das afirmações de Arruda e Serejo, pode-se presumir que os bailes sim, eram um artifício para que os peões gastassem esse adiantamento que era passado, mas não que era dado de bom grado pela empresa.

O baile era um fator cultural dos Paraguaio, ou seja, um elemento que integrava a cultura desse povo, de forma que até mesmo nos velórios eles eram feitos de modo a homenagear o morto, se despedindo mediante uma festa. Sobre o baile diz Martinez: “O *paraguaio tem pelo baile um verdadeiro culto*” (MARTINEZ apud ARRUDA, 1997: 102).

Portanto, quando chegavam ao erval os homens já estavam muito endividados, de forma que teriam que trabalhar muito para acabar com as dívidas, o que era um problema, pois tudo era comprado, inclusive as ferramentas de trabalho: “[...] o *habilitado sempre aumentava o débito do peão, e este tentando saldá-la, procurava produzir mais e mais, sem no entanto, conseguir*” (BIANCHINI, 2000: 186).

Porém, quando alguém chegava muito perto de quitar sua dívida, como no caso de Pytã, a Companhia agia e criava empecilhos ao fim da dívida. Quando não há como criar um problema se dava outro jeito:

O rapaz pensa em voltar para a casa mas tudo foi tramado no sentido de recambiá-lo ao erval. Aquela noite foi levado à bailanta para se embriagar e deitar fora as economias. De propósito fizeram com que ele não tivesse bebida nem prosa, nem carinho nas últimas semanas do erval. Esta noite quer recuperar tudo isso de um fôlego. Pela manhã estará liquidado: bêbado, ensonado, sem seu dinheiro. Virá o dono da bailanta a requerer dinheiro. Aparecerá a polícia querendo prender quem gastou e não pode pagar. As mulheres terão sumido. Ele estará bêbado e desamparado. Terá que aceitar o adiantamento que o aconchavador lhe oferece para fugir ao dono e à polícia. Assinará a caderneta por seis meses de trabalho no inferno. (DONATO, 1959: 135-6).

O artifício utilizado para manter os trabalhadores sempre endividados era a caderneta, onde se anotava tudo que era possível cobrar. As anotações começavam quando o trabalhador pegava o adiantamento para pagar o dono do bordel, depois a dívida ia sendo aumentada com tudo que era possível cobrar: charque, milho, cachaça, quando era

permitted que bebessem, roupas, entre outros¹². “[...] através desse mecanismo instalava-se a servidão por dívidas” (BIANCHINI, 2000: 186).

O uru é o elo que liga opressores e oprimidos. Ele é o responsável pela secagem da erva. Depois de cortada, sapecada, depinizada¹³, transportada até o local da pesagem quem assumia a ação sobre ela era o uru, ou barbaquazeiro: “Dele dependia a qualidade da erva, tinha que estar sempre atento ao fogo; manter o barbaquá aceso pela noite adentro, ou quando fosse necessário [...]. trabalhando 48 horas ininterruptas fica atento para que a erva não se arda ou se queime” (BIANCHINI, 2000: 187).

Ele é submisso aos patrões assim como todos os outros, porém, como sua função é de grande importância, seus superiores são obrigados a tratá-lo com mais cautela que os outros, chega a ser cogitado como rei da ranchada entre os outros trabalhadores, como pode ser visto no trecho abaixo:

Ser chamado de senhor em festas e bailantas, passar de cabeça erguida diante dos capatazes, receber no rosto a inveja sofrida dos mineiros e dos peões. E ir beber na comissária a convite do administrador, andar apontado pelos patrões como um uru de mão certa e medida que nunca deu uma bolsa de jaguarembó. Faria assim durante seis anos, oito, dez safras, ao redor do barbaquá, virando e revirando a erva, recebendo no peito o calor do fogo e nas costas a friagem da noite. (DONATO, 1959: 39).

O problema é que tudo, no mundo do mate, tem seu preço. O uru seca junto com a erva, o seu reinado é curto: “Oito ou dez anos o uru vive e é rei. Depois morre morrendo.” (DONATO, 1959: 39). O próprio uru responde a indagação sobre sua condição de rei, e narra como vai morrendo pouco a pouco:

— Rei? Sei lá! Quando o patrão lhe põe nas mãos a forquilha e lhe dá o piso do barbaquá, diz que ele é senhor. Então começa a respirar fumo e resina, a ser defumado em suor e fumaça. Primeiro a gordura, depois as carnes, a saúde, escorrem pelo corpo, dia e noite, feito suor. Nenhum pêlo lhe fica grudado no corpo, nem saliva na boca, nem dentes nas gengivas, nem lágrimas nos olhos. Vai sendo cozido dia a dia; os intestinos acabam secos e mortos, envenenando o corpo; o estômago ácido, os pulmões cavernados, as veias saltadas, os olhos afundados. E dia e noite, com a forquilha nas mãos, revolvendo erva. No fim da primeira safra desce um fantasma do piso onde subiu um homem. Na segunda é um mecanismo. Começa a sofrer uma sede tão grande que até faz dor, queima, atordoia. O remédio é beber. Quanta bebida queira, tanta lhe dão. Também querem que ele se engane devolvendo em álcool a umidade que o barbaquá

¹² Para ver mais sobre o sistema de cadernetas: BIANCHINI, O. C. D. *A Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso: 1880 – 1949*. Campo Grande: UFMS, 2000, p. 186.

¹³ Depinicar era o processo de “separar as folhas do ramo” (DONATO, 1959: 239).

rouba do seu corpo. Isso, menino, isso é um uru. Você pensa que pode ser rei? (DONATO, 1959: 39-40).

O uru tem suas vantagens, porém, tem seus fantasmas. As duas citações referentes a essa personagem demonstram o quão trágica é sua situação. Goza de regalos, porém, os paga a preços altos. Quando há a possibilidade de ser respeitado, de ser *señor*, de andar de cabeça erguida, há também o problema de ser sexualmente impotente: “O *Curăturã já não padecia das precisões que o pessoal foi cumprir no baile*” (DONATO, 1959: 38). Essa precisão nada mais é que o sexo. O uru é uma figura trágica, isso fica claro nas suas palavras, que lamentam a dura vida do erval: “A erva me enxugou. Vez por outra a vida me parece tamanhamente triste que a tenção é deitar e chorar. Se não choro, acho que é porque a fumarada e o fogareo do barbaquá secaram até minhas lágrimas” (DONATO, 1959: 156).

Em uma situação na qual quem é mais macho manda mais, como é no erval, o fato de ser sexualmente impotente não é nem um pouco interessante. Com ralação a isso Gilmar Arruda fala sobre o “[...] ‘mito da capacidade física’, fundamental na prova da masculinidade” (ARRUDA, 1997: 105). Nesse contexto quem entra na mesma situação do uru é Osório, o cabeça dos changa-ys. Eles também viviam da erva, porém, de forma clandestina.

A Companhia Matte se valia de arrendamentos para fazer a extração, portanto trabalhava legalmente¹⁴, os changa-ys exploravam os ervais que eram destinados à empresa, e por isso quando encontrados eram caçados e mortos, como demonstra a fala de Nakyrã, amante de Osório: “[...] se descobrem a gente, estouram por aqui e liquidam com você. E com os outros. A mim me dão pro uso dos comitiveiros e depois, dos mineiros. Por fim, me encostam de quilombero numa afora do rancho pra desfatio dos aborrecidos...” (DONATO, 1959: 42).

Osório, assim como o Curăturã, tem sua honra, não trabalha pra Cia. Matte e a prejudica o máximo que pode: “Fazer mal a Companhia era fazer bem a todos eles [...]” (DONATO, 1959: 61). Porém, sofre do mesmo mal que o uru, a erva o deixa impotente:

¹⁴ A Cia Matte tinha os contratos com a Província de Mato Grosso, porém, vale deixar claro que houveram várias artimanhas que entremearam esses acordos entre estado e empresa, e isso provavelmente se deva o fato de o presidente da empresa ser irmão do presidente do estado, os Murtinho. Sobre o assunto ver: BIANCHINI, O. C. D. *A Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso: 1880 – 1949*. Campo Grande: UFMS, 2000, p. 97 a 112. Vale salientar também que Bianchini fala sobre um homem que tinha o direito de colher erva pra Matte, e que utilizando-se dessa permissão aproveitava para fazer também o contrabando, ou seja, trabalhava para a empresa e ao mesmo tempo lhe roubava (Bianchini, 2000: 166). Sobre os changa-ys ver também: GOMES, O. G. *Dom Thomaz*. In: Instituto Euvaldo Lodi. *Ciclo da erva mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: IEL, FIEMS, 1986, p. 406; e a dissertação de mestrado: FERREIRA, D. M. F.. *Selva Trágica e a degradação do Herói coletivo: o romance sob tensão*. Defendida em 1997 na UNESP, Câmpus de Assis. Capítulo “O herói coletivo e sua degradação social em *Selva Trágica*”. p. s/n.

“Estava cansado em demasia para entender que a bugra [Nakyrã] ansiava por amor naquela manhã de noite” (DONATO, 1959: 42).

Um caso que chama a atenção na obra de Donato, é exatamente as duas personagens descritas acima, Osório e o Curãturã. O primeiro resiste em trabalhar para a Cia Matte Larangeira, por mais que viva com cuidados mil para não ser apanhado enquanto pega a erva destinada à empresa, não se rende as imposições diretas da Companhia. Diante do fato de que toda a ação gera uma reação igual e oposta, a Matte se porta da mesma maneira contra os changa-ys, se opondo a eles, de forma que quando eram pegos eram mortos.

Ser changa-y é o mau maior diante da Matte, deve ser punido com a morte. A Semana Santa é o evento sobre o qual a Companhia não consegue impor seu poder. Nessa semana todas as faltas são perdoadas, menos a de ser ladrão de erva:

As inimizades marcavam trégua santa de sete dias. Saíam do mato para as festas os foragidos da justiça comum e os criminosos por amor e por dinheiro. Só não podiam aparecer os changa-ys. Esses eram caça alvejada, onde a quando aparecessem. (DONATO, 1959: 143).

Otávio Gonçalves Gomes afirma isso também: *“Perante a lei do erval, changa-y era o criminoso e devia ser morto”* (GOMES, 1986: 406). Os changa-ys, dentre todas as personagens da obra, são os únicos que se opõe abertamente à empresa. Osório é o homem que comanda os ladrões de erva, porém sua ação contra a empresa não está só no fato de roubar o que é de direito da Matte, juntamente com Luisão (que trabalha nos meios políticos) e os ervateiros independentes, luta para que o monopólio sobre as terras que possuem erva seja extirpado, dando direito igual a todos para explorá-la.

Essa luta foi dura e com baixas, principalmente para os opositores da empresa, mas o monopólio é findado. E juntamente com o monopólio, os changa-ys também se acabam, não há como roubar algo que se tornou de direito. Os ervateiros clandestinos venceram, juntamente com os ervateiros independentes e Luisão, que sabia o que era trabalhar na Companhia¹⁵, mas era um dos únicos que tinha consciência da situação, e da necessidade de acabar com ela. O porém de toda essa situação, é que ela não liberta os trabalhadores que tinha contrato com a Matte Larangeira: *“[...] os que estão com a Companhia não se*

¹⁵ Sobre Luisão ver: FERREIRA, D. M. F.. *Selva Trágica e a degradação do Herói coletivo: o romance sob tensão*. Defendida em 1997 na UNESP, Câmpus de Assis. Capítulo “O herói coletivo e sua degradação social em *Selva Trágica*”. p. s/n

livram fácil – ela vai segurar êsse povo até onde puder esticar os contratos” (DONATO, 1959: 209).

Com relação a uma oposição política ao monopólio da Companhia Matte Larangeira é possível afirmar que houve de fato. Um exemplo claro disso foi a “questão do mate”, que gerou um grupo político montado a partir da iniciativa de Pedro Celestino contra um novo projeto de arrendamento da Matte, que prolongava seus direitos de exploração até o ano de 1916, e que devido a essa oposição foi arquivado¹⁶.

Já o uru, está submisso as ordens da empresa, por mais que tivesse suas regalias, por mais que fosse rei. E sabendo das malfazejas da Companhia, se opõe como pode. Como já dito, é figura singular na ranchada, e priva por suas regalias, mas na medida do possível se opõe aos que dão ordens. A citação abaixo evidencia as vontades do uru e sua sutil oposição, vivia daquilo porque era o que sabia fazer:

Esta última carga no barbaquá fôra pra lá de penosa! Por pouco pouco arriara antes do fim. Dera o que ainda trazia de fôrças e de atenção. Só pra chegar com o bom nome de sempre até a Semana Santa. Chegara, graças a Deus! E mais não queria nem precisava, que a sua vida êle a vivera assinzinho como quisera viver: respeitado, invejado mesmo, bem pago e bem recebido nos ranchos dos homens, nas esteiras das mulheres, nos balcões dos bolichos e bailantas. Chegara ao fim era só isso! E o fim seria como sempre pensara ter: comendo o seu e dando de comer aos outros, ouvindo musica de saracoteio, apostando como sempre apostara contra o cavalo do Casimiro e dos outros capatazes. (DONATO, 1959: 144).

O administrador do rancho Bonança, Curê, sofria do mesmo mal que o uru, viver o mundo da erva, que aqui pode ser entendido como o social, cultural, o político, o hierárquico, o econômico, em fim, todo o conjunto que existe tendo por motivo a erva mate. Era a única coisa que podiam fazer, pois era a única coisa que sabiam fazer. Várias passagens do texto deixam claro o embrutecimento que o erval causa, mas o Curê é a consubstanciação desse embrutecimento, dessa animalização. O uru apenas tem que fazer com que a erva seja boa, o administrador, porém, manda, e sendo quem manda tem que ter pulso firme: “[...] *nessa vida de erval é preciso ser duro com os homens*” (DONATO, 1959: 77). diz ele a seu capataz Isaque.

¹⁶ Sobre o assunto ver também: BIANCHINI, O. C. D. *A Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso: 1880 – 1949*. Campo Grande: UFMS, 2000, p.154 a 166. Ver também: GOMES, O. G. Dom Thomaz. In. Instituto Euvaldo Lodi. *Ciclo da erva mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: IEL, FIEMS, 1986, p. 420 a 422; ARRUDA, G. Heródoto. In. Instituto Euvaldo Lodi. *Ciclo da erva mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: IEL, FIEMS, 1986, p. 258-9.

Este último fica indignado com a dureza de seu administrador e o indaga sobre qual matéria compõe o seu ser: “*De que é que você é feito, ôô Curê?*” (DONATO, 1959: 77). A resposta é trágica, e não apresenta perspectivas fora do mundo da erva:

— De erva mate. Disso é que sou feito. Estou recheado dela. Não sou branco, nem preto, nem bugre. Minha pele é côr de erva cacheada. Maldita erva! O que me dói mais e assusta é que se a erva acabasse eu teria que morrer. Não sirvo pra mais nada! Sei que não sirvo pra mais nada! (DONATO, 1959: 78).

No idioma guarani a palavra Curê significa porco, sendo grifada kurê¹⁷. Mas o que chama a atenção é que o porco é uma figura que representa coisas não muito atraentes em termos de humanidade. “*O porco é geralmente o símbolo das tendências obscuras, sob todas as suas formas, da ignorância, da gula, da luxúria e do egoísmo. Pois escreve São Clemente citando Heráclito, ‘o porco tira seu prazer da lama e do esterco’*” (CHAVALIER, 2001: 734).

O Curê incorpora todas essas “tendências obscuras”, suas preocupações são beber, jogar e mandar. O mando é o único que representa a voz da Companhia, no que diz respeito aos outros dois, são os seus gostos particulares. Ele sente a dor de não ser reconhecido pela Companhia, “*O escritório central não queria nada com eles, homens do mato: queria era sempre mais e melhor erva. Fossem para o diabo [os seus funcionários]*” (DONATO, 1959: 152).

Porém, ao mesmo tempo que sente a dor de não ter esse reconhecimento sente a necessidade de ser duro, de ser rude. Suas palavras direcionadas à Isaque mostram bem essa necessidade: “*Não pense que gosto de mandar bater. Mas quem segura êsse povo no duro do trabalho se não usar de dureza?*” (DONATO, 1959: 120). É esse o fardo paradoxal que tem como sina o Curê.

Um dos motivos para ser duro pode ser explicado pela exposição que Arruda faz sobre o tempo para o trabalhador Paraguaio. Aqui se volta à questão de que o adiantamento não era algo planejado pela Matte, mais sim uma exigência dos trabalhadores. Porém, o objetivo desse adiantamento, salientando que é um objetivo capitalista, pretendia que a partir dele o trabalhador ficasse no rancho trabalhando por um determinado tempo. Segundo Arruda: “*o tempo que o trabalhador permanecia nos ervais era, muitas vezes, determinado por ele próprio e não pela dívida contraída inicialmente [...]*” (ARRUDA, 1997: 118-9).

¹⁷ Ver: CANESE, N. K.; ALCARAZ, A. A. *Ñe’ëryru: Avañe’ë - Karaiñe’ë; Karaiñe’ë - Avañe’ë / Diccionario: guaraní – español; español – guaraní*. Asunción - Paraguay: [s.n.], Colección Ñemitý, 2000, p. 48.

Portanto, “o abandono do local de trabalho constituía-se numa tradição com pelo menos meio século entre os trabalhadores paraguaios” (ARRUDA, 1997: 116).

Esse argumento justifica não só a necessidade de ser duro, como pode ser observado na fala do Curê, mas também a necessidade de um controle rígido sobre os trabalhadores, como é o caso dos comitiveiros. O porém de toda essa situação é que ela dava plenas condições de manipulação das dívidas, o que é defendido pela maioria dos autores utilizados nesse trabalho.

A maior resistência que podia haver por parte dos trabalhadores da Matte era a fuga. Esse era o ápice de como a situação se encontrava, pois quando alguém decidia fugir é porque não tinha mais como agüentar a pressão do trabalho. Gilmar Arruda apresenta três motivos para a fuga: “[...] a impossibilidade de pagar a dívida contraída com o ‘adiantamento’, os maus tratos e as condições de trabalho” (ARRUDA, 1997: 115). O motivo de ser colocada como o ápice da resistência é por que a fuga era totalmente desvantajosa para quem fugia, já que o fugitivo tinha que ir abrindo caminho no mato, a pé e desarmado. Essa resistência, a fuga, é na mente do Osório, a única forma de lutar contra a Cia. Matte: “— Não há outro modo de lutar contra a Companhia. Fugir é que é preciso e ajudar os fujões. Veja que a vida do changa-y é fugir de dia e de noite. Sem Parada!” (DONATO, 1959: 60).

Há três desfechos para a fuga: ser morto, capturado e chicoteado como exemplo para que os outros não tentem fugir e por fim o sucesso da fuga, o que era muito raro. Essa situação fica clara nas palavras de Pytã: “[...] Vi dezenas de mineiros pular no mato mas são menos do que os meus dedos os que atravessaram o rio. Quem não voltou amarrado e acabou no chicote, morreu baleado, por aí. Nos ervais ninguém chega a velho” (DONATO, 1959: 22)¹⁸.

Pablito, o protagonista da história, também não suporta o fardo das imposições e decide pela fuga. Essa investida, porém, estava fadada ao fracasso, ele mesmo sabia disso quando a propôs a Flora, sua amada, mas não podiam continuar submissos aos mandos e aos querereres dos representantes da Cia Matte Larangeira. Todos tinham conhecimento de que Lucas e Casimiro, os dois capatazes que saem à caça dos fugidos, só tinham deixado escapar um fugitivo, Augusto. Com exceção desse, ninguém havia escapado das mãos deles, ou eram mortos ou voltavam para receber o castigo: “É pra matar! gritava o Casimiro.” (DONATO, 1959: 95). Pablito foi morto e Flora voltou para o erval, para as mãos de Isaque, que a amava.

¹⁸ Para maiores esclarecimentos sobre as fugas ver: ARRUDA, G. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: UEL, 1997, p. 115 a 119.

Outro exemplo das resistências que podiam ser encontradas na relação da empresa com os trabalhadores é a Semana Santa. O que ocorria nessa semana é algo peculiar ao mundo da erva, e pode ser comparada ao que ocorre no carnaval, ou seja, uma inversão dos valores e costumes do dia-a-dia¹⁹. O próprio texto descreve a situação na qual se insere a Semana:

Durante o forte da safra ninguém dispunha de meio dia para seu descanso. Nem domingo, nem feriado, nem dia santificado. Só o que tinha era trabalho. Levantar às três, comer às pressas a comida da véspera, correr à mina, cortar, sapecar ao fogo das tataguas, depinicar, acomodar o raído, lombar vinte arrobas de erva por quilômetro de trilha perigosa, pensar e, se houvesse luz no céu e forças nos braços recomeçar ...Isso era o trabalho de todo dia! A rigor não viviam de pé, e sim curvados. Mas na Semana Santa...! Aha! a Semana Santa! *Tudo ao contrário – só o que não se fazia era trabalhar.* (grifo nosso) (DONATO, 1959: 147).

Com exceção da trapaça no jogo, artimanhas não permitidas no preparo do galo para a rinha e no apronto do cavalo para a carreira, tudo era permitido nessa semana. As atividades, basicamente se resumiam a sexo, bebedeiras, comilanças e jogos. Porém, quando do início das festas se escolhe alguém para orar e fazer as preces, assim como na Sexta Feira Santa e no último dia da festa.

Pelo que pode ser notado nas palavras do administrador da ranchada, essa festa é algo muito particular ao erval:

— Pois sim, está aí a Semana Santa! Vão tirar a forra. Vivi um tempão nas cidades lá de baixo e lá de cima. Lugares onde os homens vivem como homens, sim senhor! Em paz com sua igualha e de bem com Deus! Mas aqui?! O sujeito põe o pé no erval e já fica só meio homem, que a outra metade é bicho encafuado. Pois lá em baixo, e lá em cima, nas cidades, a Semana Santa é coisa séria. A gente muda o jeito de viver. Quase que só reza! Fecham as casas de jogo, não fazem música nem amor. Choram a morte de Deus, em casa, nas ruas, nas igrejas. Agora, veja você como são as coisas aqui no erval! (DONATO, 1959: 140).

Mais adiante o próprio Curê dá o seu parecer sobre a Semana Santa, e acaba também por dar o significado dessa semana para o povo do erval:

— Pois estou pra lhe dizer que a maior bondade do Cristo é entender que a pobre gente do erval é a que mais precisa da Semana Santa. Se Ele deixa que todos os anos façam a Semana assim como fazem, é porque ainda não se zangou com a pobre gente. Ou então, estará mesmo morto esses dias e não enxerga as doídices em que os homens se metem. (DONATO, 1959: 140).

¹⁹ Sobre o carnaval ver: BAKHTIN, M. *A cultura popular na idade média e no renascimento*; o contexto de Francisco Rebelais. São Paulo: HUCITEC/UNB. 1887.

Um fator interessante sobre a Semana Santa é a circularidade do sagrado e do profano. “Ao mesmo tempo que ocorria a transgressão da ordem, da moral, que se jogava, bebia, dançava, também se rezava” (ARRUDA, 1997: 126). Hélio Serejo tenta defender uma cultura cristã dentro do erval dizendo que:

O peão paraguaio é um ser humano – seja qual for sua condição de vida – temente a Deus. Reza todas as noites, em comovente posição, balbuciando demoradamente as palavras, olhos fixos no teto do rancho, para pedir a Dios onipotente, proteção para a ranchada [...]. (SEREJO, 1986: 40).

Porém, observando de um ângulo mais teórico, é possível afirmar a presença de uma forte religiosidade nessa cultura descendente da cultura guarani. A Semana Santa, observada a partir do que fala Mircea Eliade, é um tempo sagrado. Para ele há duas formas de ser no mundo uma profana e uma sagrada²⁰. O trabalho do dia-a-dia é o tempo profano, de sofrimentos e agruras, em contrapartida, as festas, pertencem a um tempo sagrado. O sonho de Pytã é passar o rio e chegar à Capilla Salsa, “o bairro mais alegre da América”, diante do que é possível observar, esse lugar seria uma espécie de paraíso onde não há trabalho, somente festas. O próprio rio chega a se constituir em um símbolo sagrado, passando por ele se chega ao lugar sonhado.

Ainda em termos da religiosidade, Arruda atenta para ela enquanto artifício dos trabalhadores para trabalhar menos se utilizando de dias santos:

[o trabalhador paraguaio] [...] não só respeitavam, isto é, não trabalhavam nos feriados religiosos estabelecidos pela Igreja, como também criavam outros feriados religiosos por conta própria e não aceitavam a supressão daqueles já santificados anteriormente (ARRUDA, 1997: 125).

Outra forma de resistência era o idioma guarani. A concepção de que a língua é uma resistência da cultura guarani é ponto pacífico, mas o que chama a atenção é quando ela é relacionada à situação encontrada dentro da Companhia Matte Larangeira. Hernani Donato procura no decorrer de sua obra demonstrar como era marcante a presença do idioma paraguaio, por vezes o autor se utiliza do artifício de escrever em guarani e na frase seguinte fazer a tradução para o português: “— *M'baeicha pa ndé coe, ché Pytã?*” e mais adiante a tradução: “[...] *como foi o dia, hein, Pytã?*” (DONATO, 1959: 28). Para as ocasiões onde não há essa tradução pode-se encontrar a palavra no glossário anexado ao fim da

²⁰ Sobre o assunto ver: ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins fontes. 1992. p. 19 a 22.

obra. Bianchini diz: *“Falava-se pura e simplesmente o guarani, de forma bastante generalizada, sendo raros aqueles que falavam o português”* (BIANCHINI, 2000, 205).

Arruda argumenta que o guarani vai se constituir em um elemento de poder dentro da empresa era uma forma de manutenção da *“não adaptação”* (ARRUDA, 1997: 122). O motivo de uma tentativa de eliminar o guarani pode ser observado nas palavras do mesmo autor: *“A tentativa de eliminar o idioma guarani, com a obrigatoriedade de aprendizagem da língua espanhola no Paraguai pretendia a destruir as tradições encontradas na cultura dos trabalhadores paraguaios e viabilizar a introjeção da disciplina de trabalho”* (ARRUDA, 1997: 122).

Dentro do que pode ser observado na obra de Gilmar de Arruda, havia no processo de elaboração da erva mate um *“saber-fazer”*, que eram os conhecimentos sobre as lides da planta (a forma de cortar, sapear, transportar às costas, etc.) por parte dos paraguaios. Esse conhecimento dos trabalhadores *“[...] contava com uma tradição de alguns séculos. A tradição foi legada pelos Guaranis, que já utilizavam a erva mate antes dos conquistadores brancos chegarem e foi difundida, posteriormente, pelos jesuítas e suas missões a partir do sec. XVII.”* (ARRUDA, 1997: 86).

Se a mão-de-obra veio do Paraguai, também veio a cultura guarani, onde pode-se elencar alguns elementos como: a forma de velar os mortos, o gosto pela erva, o gosto pela dança, o ritmo das musicas (guarânicas, polcas e galopas) a língua guarani, entre outras. Porém, o elemento que mais chama a atenção em todo esse processo é a presença que a erva mate tem em toda a cultura guarani. Observando as palavras de Rafael Barret é possível ter uma noção dessa presença:

Diante do mate, se enamora, se mata e se enfeitiça. Um signo, um pó, um pelo bastam para o irremediável [...] todo o bem e o mal estão no mate, comunhão de lábio e de sonhos, fetiche de uma raça, escura casca, espiral em que dorme os séculos [...] calor de sangue que passa de mão em mão as gerações [...] Aplicai o ouvido e percebereis nela as mil vozes confusas do imenso passado, como no velho caracol os rumores do mar (BARRET apud ARRUDA, 1997: 87).

Barret expõe o contexto social que a erva mate tem dentro da cultura paraguaia. Interessante é observar que ele apresenta a erva como um *“signo”*, pois sua importância é clara se atrelada ao mito da origem da erva mate, exposto abaixo:

[...] o Kaá se originou do corpo de uma virgem. Era uma jovem bonita, de pele muito clara, conhecida pelo nome de Kamby, que significa leite. Vivia Kamby com seus pais Kaarú e Kaasy na mata de Tacumbú [...] Kamby desprezava os homens

e jurara que não pertencia a nenhum deles. Mas o grande Rupavê, o mais poderoso dos deuses resolveu castigá-la pelo seu orgulho que contrariava a obra divina. Mandou à terra guarani o mago Pai Tumé Arandi para transformá-la numa planta de virtudes providenciais. Certa noite Pai Tumé Arandi chegou, pois, à cabana de Kaarú, acompanhado de Kaaguí Rerekuá, espírito da floresta; de Ñu Poty; espírito do campo; de Arayá e Pyharé Yara, os espíritos do dia e da noite. Pediu pouso e dormiu até a meia noite. Depois levantou-se, acordou a Kaarú e disse-lhe: venho do céu, da parte de Rupavê, para levar tua filha Kamby [...] kaarú então entregou a filha, e Pai Tumé [...] conduziu a jovem a Tacumbu, onde lhe pôs a direita sobre a cabeça, dizendo: Tu será a erva maravilhosa da terra guarani, de tuas folhas sairá, saúde, alegria e força para toda a gente da tribo. E da Cabeça de Kamby brotaram folhas verdes [...] para transforma-se numa árvore. Esta árvore é o 'Kaá' – Pai Tumé Arandi, arrancou um punhado de folhas sapecou-as e preparou uma infusão, que tomou e deu de beber aos outros espíritos (SCHADEM apud ARRUDA, 1997: 94-5).

Toda essa representação que a erva tem para o povo paraguaio não desaparece juntamente com as mudanças culturais dos guaranis, diante dos contatos com outras culturas, ou com o fim da Guerra do Paraguai e tão pouco com a vinda desse povo para trabalhar nos ervais brasileiros, o que há são esforços da Cia. Matte Larangeria para aculturar o povo paraguaio a uma rotina de trabalho capitalista, onde o trabalho é setorizado: o corte, o sapeco, o transporte, a pesagem, a secagem, o cancheamento e o ataqueio²¹.

Em uma das passagens de *Selva Trágica*, diálogo entre Bopi e Pablito, é possível notar a presença dessa crença em forças superiores ligadas a erva mate:

— Ô menino? Pode que não acredite. Mas para fazer bem a êste amigo, não cuspa na direção do centro, nem alivie o corpo na linha da erva. Eu lhe garanto que o erval tem seus protetores. Não vele que fiquem danados com a gente. Havia de suceder muita desgraça para que vier trabalhar aqui, depois. (DONATO, 1959: 68).

Essa mitologia guarani perpetuada no povo paraguaio se apresenta tão resistente pelo fato de dar sentido à vida desse povo. Mircea Eliade demonstra que quando o mito é “vivo” ele fornece as condições para uma forma de ser na sociedade²², é essa forma de ser

²¹ Sobre a divisão do trabalho no erval ver: BIANCHINI, O. C. D. *A Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso: 1880 – 1949*. Campo Grande: UFMS, 2000, p. 171 a 209. Ver Também: ARRUDA, G. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: UEL, 1997, p. 61 a 94

²² O conceito apresentado por Mircea Eliade diz: “O mito conta uma história sagrada; ela relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma Realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal [onde pode-se enquadrar mito do surgimento da kaá], um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma ‘criação’: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas o que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos ‘primórdios’. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a ‘sobrenaturalidade’) de suas obras. Em suma, os mitos

que permite esse saber fazer. O mito diz: “[...] *Pai Tumé Arandí, arrancou um punhado de folhas sapecou-as e preparou uma infusão, que tomou e deu de beber aos outros espíritos.*” (SCHADEM apud ARRUDA, 1997: 95). Esse mito é um modelo exemplar, um mito de origem²³, ou seja, uma forma de como se portar no mundo a partir do que os “*Entes Sobrenaturais*” definiram.

É provável que toda essa situação exemplar seja um dos motivos de tanta resistência por parte dos trabalhadores para manter as formas de lidar com a erva. A rejeição aos aparelhos mecânicos²⁴ que se tentou implantar na exploração da planta pode ser apresentada como um exemplo da atualização do mito. O processo de cortar a facão, sapecar, depinicar, transportar no raído, secar e cancheiar²⁵, pode ser entendido como uma forma de retorno à criação da erva mate. Tudo isso, pelo que é possível notar, era um modelo que deveria ser seguido por ser fruto de um mito de origem²⁶.

O uru tem uma representatividade muito forte em toda a mitologia da erva mate, ele não é apenas o rei da ranchada como apresenta Hernani Donato, ou Odaléa da Conceição Deniz Bianchini, entre outros, é quem fecunda a erva. Baseado no mito citado acima Arruda afirma:

Nasceu então a erva mate do corpo de uma bela virgem que não queria entregar-se aos homens. Significativamente, a forquilha com que o uru revolve a erva no barbacuá, o ‘coração da ranchada’, chama-se ‘torotembó’ exclusiva do imperativo e ‘tembó’ [rembó], o pênis; o pênis agindo. (ARRUDA, 1997: 94).

Diante do que apresenta Gilmar Arruda, pode-se dizer que a cultura dos primeiros trabalhadores da Companhia Matte se apresenta como uma cultura de subsistência, de forma que somente se trabalhava para conseguir o que se precisava no momento. Essa característica fez com que a empresa criasse artifícios para controlar a produção de seus funcionários, e posteriormente as formas de ser do povo, regulando as festas e a bebida,

descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do ‘sobrenatural’) no Mundo. É essa erupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural”. (Eliade, 2006: 11)

²³ Mircea Eliade diz: “Todo o mito de origem conta e justifica uma ‘situação nova’ – nova no sentido de que não existia desde o início do Mundo. Os mitos de origem prolongam e completam o mito cosmogônico: eles contam como o mundo foi modificado, enriquecido ou empobrecido” (Eliade, 2006: 26).

²⁴ Segundo Gilmar Arruda, houve uma tentativa de mecanizar o trabalho par obter maior controle sobre os trabalhadores (ARRUDA, 1997: 83 a 86).

²⁵ Cancheiar era o processo de bater na erva com um facão de madeira para triturá-la.

²⁶ Sobre o Assunto ver: ARRUDA. G. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: UEL, 1997, p. 91.

por exemplo. O que se pretendia, portanto, era “civilizar” o trabalhador paraguaio aos moldes da civilização europeia.

Com o fim da escravidão o Brasil viu a necessidade de criar uma cultura voltada para o trabalho. Um dos elementos para a construção dessa disciplina de trabalho era o combate à vadiagem. No texto de Sidney Chalhoub, “*Trabalho escravo e trabalho livre na cidade do Rio: “vivência de libertos”, “galegos” e mulheres pobres*”, ele diz: “O que se imagina é que os libertos só se tornarão ‘cidadãos morigerados’ quando introjetarem a noção de que o trabalho é o valor supremo da vida em sociedade, o elemento ordenador da ‘civilização’”. (CHALHOUB, 1984-1985: 88-9).

Dentro do contexto da erva mate o processo era semelhante, havia que se criar um elemento de civilidade para um maior controle sobre os trabalhadores. Esse elemento geraria a disciplina que, por consequência, desembocaria numa maior produção. Segundo Gilmar Arruda, uma das formas de criar isso foi a introdução de aparelhos mecânicos na elaboração da erva mate:

O fato de ter havido a introdução de aparelhos mecânicos na elaboração da erva mate significou muito mais a tentativa dos ‘patrons’ de aumentar a disciplina e o controle sobre o processo de trabalho do que uma necessidade técnica de aumento da produção. O aumento da disciplina garantiria o aumento da regularidade do processo de trabalho, o que asseguraria maior produção (ARRUDA, 1997: 84).

Um exemplo interessante para esse processo de disciplina²⁷ é a situação do uru. De fato o que Hernani Donato coloca em sua obra ocorria, o uru era rei. Porém, mesmo tendo suas regalias, a empresa tinha a necessidade de mostrar que quem mandava de fato, quem exercia o poder, era a empresa. O uru era respeitado por seu trabalho ser de suma importância para a boa qualidade da erva, mas como havia essa necessidade de controle os chefes ordenaram que o uru somente poderia descer a erva do barbaquá quando eles autorizassem²⁸. É possível notar esse processo em *Selva Trágica* onde o huayno²⁹ avisa o Curê que a erva está pronta:

[huayno]— Pois manda dizer o Curâturã que o barbaquá está em ponto de tirar.
[Curê] [...] — E essa erva? É boa? [huayno] [...] — Pois certo! O Curâturã não é

²⁷ Para maiores esclarecimentos sobre o processo de disciplina dentro dos ervais ver: ARRUDA, G. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: UEL, 1997, p. 95 a 127.

²⁸ Sobre o assunto ver: ARRUDA, G. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: UEL, 1997, p. 92-3.

²⁹ Huayno, ou guaino, era o menino que auxiliava o uru na secagem da erva.

um uru de mãos bentas?! O Curê riu, alto e feliz. Também considerava o melhor do mundo o seu uru. Depois, num tom de voz que punha o menino fora da conversa. — Bueno. Veja lá Isaque, de mandar a erva pro cancheio. (DONATO, 1959: 53).

Com relação ao segundo ponto, o controle cultural, é possível notar as investidas da Matte para assegurar o controle sobre elas. “[...] a descaracterização de hábitos e tradições dos ervateiros, intencionavam construir um trabalhador, ordeiro, pacífico e laborioso” (ARRUDA, 1997: 95). Com o tempo, a empresa começou a dar um descanso maior para os trabalhadores. Antes não havia folga, como é possível notar na obra de Donato, somente na Semana Santa, ou quando o administrador decidia dar um *jeroki*, um baile, por isso as tentativas de guardar o maior número possível de dias santos. Porém, o domingo à tarde começou a ser deixado para a folga dos trabalhadores.

O que chama a atenção é que nessa folga não era permitido à ociosidade: “*Haveria tempo livre para descanso, mas não para ser utilizado da maneira que o trabalhador julgasse conveniente e sim de acordo com as normas impostas pela administração*” (ARRUDA, 1997: 109-110).

Selva Trágica, portanto, é um material de representatividade história, não só por ser produzido em um determinado tempo, 1959, mas sobretudo, porque o conteúdo da obra representa uma realidade histórica. Os nomes dados na obra de Hernani Donato representam o povo anônimo dos sertões do cone sul de Mato Grosso que foram, até agora, majoritariamente apresentados em cifras e contratos políticos pelos historiadores. Mas vale salientar que não se está pretendendo alocar *Selva Trágica* no mesmo patamar que as obras de história, como as de Arruda e Bianchini e, sim, demonstrar que a narrativa literária de Donato pode ser analisada através de uma interface de literatura e história, sem qualquer prejuízo a sua condição de obra literária.

Diante de tudo o que foi exposto, portanto, é possível afirmar que houveram resistências por parte dos trabalhadores diante do que lhes era imposto pela Companhia Matte Larangeira, ou seja, os paraguaios resistiam a um trabalho definido dentro dos padrões pré-capitalista de produção que para ser realizado necessitava não só uma disciplina de trabalho mas de uma reelaboração cultural, de forma a civilizar essas personagens da história de Mato Grosso.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Gilmar. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: UEL, 1997.

_____. Heródoto. In. Instituto Euvaldo Lodi. *Ciclo da erva mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande – MS: IEL, FIEMS, 1986.

BIANCHINI, Odaléa da Conceição Deniz. *A Companhia Matte larangeira e a ocupação de terras do sul de Mato Grosso: (1880 – 1940)*. Campo Grande, MS: UFMS, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento; o contexto de Francisco Rebela*. São Paulo: HUCITEC/UNB. 1987.

CANESE, N. K.; ALCARAZ, A. A. *Ñe'ẽryru: Avañe'ẽ - Karaiñe'ẽ; Karaiñe'ẽ - Avañe'ẽ / Dicionario: guaraní – español ; español – guaraní*. Asunción - Paraguay: [s.n.], Colección Nemitý, 2000.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho Escravo e Trabalho Livre na Cidade do Rio: Vivência de Libertos, “Galegos” e Mulheres Pobres. In. *Revista Brasileira de história*. São Paulo: v. 55, nº 8/9, set. 1984/ abr. 1985. p, 85-115.

CHAVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2001.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins fontes. 1992.

_____. *Mito e realidade*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Dair Méris da Silva. *Selva Trágica e a degradação do Herói coletivo: o romance sob tensão*. Dissertação de mestrado defendida na UNESP, Câmpus de Assis, 1997.

INSTITUTO EUVALDO LODI. *Ciclo da erva mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande – MS: IEL, FIEMS, 1986.

KREMER, Lloyd. Literatura, crítica e imaginação histórica. In. HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. tradução Jefferson Luiz Camargo. – 2º ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *Literatura e poder em Mato Grosso*. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2002.

MARIN, Jerri Roberto. Limiares entre história e literatura em Selva Trágica, de Hernani Donato. In. Santos, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Literatura Comparada: Interfaces e transições*. Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001.

MEDEIROS, Márcia Maria. O romance de cavalaria na historiografia literária. In. Diehl, Astor (Org.). *Experiência e ensaios de história: cultura, historiografia e gênero*. Passo Fundo: UPF, 2006.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. tradução José Rivair de Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2005.

_____; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. coordenador de tradução Hilário Franco Júnior. Bauru, SP: Edusc, 2006, Volume I.

GOMES, Otávio Gonçalves. Dom Thomaz. In. INSTITUTO EUVALDO LODI. *Ciclo da erva mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande – MS: IEL, FIEMS, 1986.

REICHEL, Heloisa Jochims. Relatos de viagens como fonte histórica para estudo de conflitos étnicos na região platina (séc. XIX). In: VÉSCIO, Luiz Eugênio ; SANTOS, Pedro Brum (Orgs.). *História e Literatura: Convergências e perspectivas*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SAMPAIO, Mario Arnaud (Org.). *Vocabulário guarani português*. [S.l.]: L&PM, [19-].

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do Local: roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense*. Campo Grande: UFMS, 2008.

SEREJO, Hélio. Caráí. In. INSTITUTO EUVALDO LODI. *Ciclo da erva mate em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande – MS: IEL, FIEMS, 1986.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino Português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1994.

Recebido em: 15/09/2009

Aprovado em: 13/11/2009